

UM THRILLER ÉPICO E ARREBATADOR  
SOBRE A GUERRA SUJA E SUAS CONSEQUÊNCIAS



**LORENZO SILVA**



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**LORENZO SILVA**

**PUA**



TRADUÇÃO  
DIEGO FRANCO GONÇALES

Copyright © Lorenzo Silva, 2023

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright da tradução © Diego Franco Gonçalves, 2023

Obra editada em colaboração com a Planeta Espanha.

Todos os direitos reservados.

Título original: *Púa*

Preparação: Mariana Muzzi

Revisão: Débora Dutra e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Jussara Fino

Capa: LookatCia

Adaptação de capa: Emily Macedo

Imagem de capa: Collaboration JS / Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Silva, Lorenzo

Pua / Lorenzo Silva; tradução de Diego Franco Gonçalves. –

São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

320 p.

ISBN 978-85-422-2380-4

Título original: Púa

1. Ficção espanhola I. Título II. Gonçalves, Diego Franco

23-5210

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

# 1 A MENSAGEM

Sou uma má pessoa. Como muitas outras, eu poderia dizer. Com a diferença, eu poderia alegar, de ter parado de procurar uma desculpa para justificar meus erros. E daí: o primeiro não me torna bom e o segundo não me torna melhor. São apenas complementos circunstanciais. Quando alguém aceita tornar-se uma má pessoa, pouco importa todo o resto. Tanto faz, tanto fez quem terá que sofrer, e isso nem alívio traz.

Não é que eu seja mau o tempo todo, nem que desconheça o doce sabor das boas ações, que, como qualquer ser humano que não tenha perdido a razão e o sentido da existência, eu prefiro às outras. Aliás, dedico a elas o máximo de minhas energias. Nada é mais reconfortante do que topor com um semelhante que precisa ou a quem pode ser útil sua ajuda e prestá-la sem a menor esperança de receber algo em troca. Nada nos conforma ou nos conecta mais a essa natureza confusa que arrastamos pelo mundo, com a suspeita de que bem poderíamos ser o erro final que a vida cometeu para aniquilar a si mesma.

Neste lugar onde há anos decidi me aposentar, tenho oportunidades diárias de exercer a bondade, e não deixo de aproveitá-las. Faço isso toda vez que arregajo as mangas, pego os utensílios de limpeza e não apenas espano os livros enfileirados nas prateleiras da loja, mas aproveito para reorganizá-los para que os clientes possam encontrar com mais facilidade aquilo que os interessa ou que procuram, em vez de ter que sondar como mergulhadores e remexer como sucateiros, o que a maioria dos meus concorrentes os obriga a fazer sem nenhum remorso. Sou particularmente consciente, pela minha experiência com o caos, com as sujidades e até com a mais extrema imundície, do valor da limpeza e da ordem, algo que vai

além da beleza que oferecem aos olhos. Quem dispõe na sua frente um espaço arrumado e bem organizado faz de você o beneficiário de um ato de amor no qual só um imbecil ou desgraçado pode reparar sem experimentar um turbilhão instantâneo de gratidão.

E quando acontece de eu testemunhar no cliente que aparece diante de mim um amor semelhante pelo livro que procura ou por aquele outro com o qual acabou de trombar inesperadamente, não posso deixar de lhe fazer um favor do qual pode nascer algum gesto de generosidade. Posso cobrar pelo livro menos ou muito menos do que realmente vale, desde que o desconto não prejudique irreparavelmente o negócio, e até lhe fornecer, também com desconto, algum outro livro semelhante que ele jamais teria encontrado sozinho, paralisado como está pelo deslumbramento de poder adquirir aquele que tem nas mãos. É mais forte do que eu: sou vencido pela ternura que me invade diante daqueles olhos acesos, diante do tremor na voz que chego a notar em alguns, e mais ainda se se trata de um homem ou uma mulher ainda jovens, ou de um velho que, nessa idade, recupera de verdade a inocência do passado. Muito mais se, além disso, tenho a certeza de que eles não têm dinheiro sobrando. Essa emoção que os arrebatava me amolece e me comove de tal maneira que não posso deixar de lhes dar tudo o que está ao meu alcance, e às vezes sofro até dores físicas por não ter como recompensar melhor sua ilusão.

Eu mesmo, que vim para este ramo do comércio para tirar proveito de um desejo juvenil que, quando assumi a loja, não era mais do que o rescaldo de uma paixão extinta, e só porque me pareceu um disfarce tão bom quanto qualquer outro para me salvar da minha vida anterior, pego-me mais de uma vez acariciando algum volume antigo ou telefonando para o encadernador para que ele o restaure para mim sem adulterações, disposto a pagar por essa operação quanto ele quiser me cobrar. E nem tanto para poder vendê-lo mais caro, porque pode muito bem acontecer que, ao restaurá-lo, eu acabe por vê-lo nas mãos de algum desses bibliomaníacos febris e apaixonados aos quais não hesitarei em vendê-lo com prejuízo; mas para não permitir que algo feito com amor, do autor, do editor, do impressor que o produziu ou do artesão que em algum momento o encadernou, seja esfarrapado e arruinado pelos insensíveis estragos do tempo.

No entanto, assim que a oportunidade se apresenta, esse negócio também tira a má pessoa que há em mim. Acontece, por exemplo, quando entra pela porta um daqueles herdeiros rudes em cujo colo acaba caindo, absurda e injustamente, todo o esforço de uma vida dedicada aos livros, e que se apresentam como possuidores de um patrimônio incômodo que lhes urge liquidar. Todo o seu esforço é para extrair do despojo da biblioteca alheia um rendimento cujo valor os excede, mas que aspiram recolher até o limite do possível. Sem ter nem ideia do que o chato do avô ou do pai, ou um após o outro, conseguiu reunir graças ao seu conhecimento e sua tenacidade, eles se colocam diante de mim com aquela autossuficiência do dono que não consentirá em ser privado de nem um centavo sequer do valor de sua propriedade. Como se fosse eu quem estivesse desesperado para fazer a transação, quando são eles os que mal podem esperar para se livrar daquela pilha de papel que não querem levar para casa. Eu os escuto, os observo, finjo que me impressiono com a sua desenvoltura, que reconheço a sua habilidade como vendedores, enquanto penso, com absoluta frieza, como vou depená-los e saqueá-los, ao mesmo tempo que os faço acreditar que são os negociantes mais astutos e eu, um pobre homem à mercê deles.

Eles são tão tolos, tão idiotas, tão vulneráveis ao abuso, que não é preciso uma estratégia muito elaborada para enganá-los. Recorro sempre à mesma: faço um primeiro levantamento de suas coleções e identifico algumas peças de verdadeiro valor, aquelas que lhes digo ser as que mais me interessam, e as avalio a um preço que sei que eles aceitarão e que jamais será inferior ao que outros possam lhes oferecer. Via de regra, isso já rende uma quantia que os tenta, porque de repente eles veem dinheiro onde só viam um despropósito comido pelo pó, e a partir daí começo a negociação do restante: livros que, para o meu gosto, comunico, não compraria, porque não poderei mais do que liquidá-los ou vendê-los como papel por quilo, mas que estou disposto a adquirir em troca de manter os que realmente me interessam. Procuo fazer com que a quantia que lhes ofereço por essa segunda parte da transação pareça algo para eles, o que não é muito difícil depois que a desvalorizei com base no desprezo que eles já têm por ela. Não há um sequer que não morda

a isca, que não me dê, praticamente de graça, livros que mais tarde se tornarão os mais valorizados do meu catálogo. Nem mesmo corro o risco de que depois descubram a trapaça: se não sabiam o que tinham, menos ainda se lembrarão depois de os ter vendido. Com algumas dessas bibliotecas tristemente caídas nas mãos de idiotas, multipliquei por dez e até por quinze o meu investimento. No máximo, sinto pena daqueles que as formaram. Nunca sinto nada pelo herdeiro que roubo.

A mesma coisa acontece quando chega o comprador arrogante, seja por sua educação superior, seja por sua carteira ou por ambas as circunstâncias, que, desde o momento em que entra pela porta, trata-me como um criado estúpido que deve facilitar seu capricho nas condições que o agradam, e que para tanto ele sabe, vale e tem o que os outros não têm. Aqui a negociação é mais árdua, e nem sempre se concretiza. Mais de uma vez, não vou esconder, ela termina com o sujeito bufando, dando um ataque e saindo da loja de forma grosseira. Aborrece-me um pouco, por não ter podido lhe dar tudo aquilo o que merece, mas sou recompensado pelas ocasiões, que não faltam, em que um desses vaidosos – tendem a ser homens, embora algumas mulheres também tenham surgido – sai com um livro debaixo do braço e algum outro de brinde, deixando no meu caixa duas ou três vezes o que, se ele fosse mais humilde, poderiam ter lhe custado.

Há um detalhe que me preocupo em esclarecer neste ponto: ao enganar e – embora elas não saibam – maltratar essas pessoas, nem por um momento cedo à crença de que o que faço possa ter algum tipo de justificativa moral ou, em outras palavras, algum tipo de alibi que converta o mal em bem. Estou roubando delas, estou rindo delas, estou as desprezando tanto ou mais do que elas desprezam a mim ou a herança de seus parentes, cujos cuidados desperdiçam. Eu não o faço para restaurar ou instaurar na pequena parte do mundo que administro algo semelhante à justiça, ou para reparar os danos que a sua maldade é capaz de causar, nem com a esperança de que o castigo ou o ridículo redima de alguma forma quem eu sei que não pode ser redimido e nem aspiro redimir. Faço isso apenas para prejudicá-los e, por isso, fico feliz em saborear a sensação de que o consigo, ainda que eles nem sequer percebam.

Renego a autoindulgência. É o tipo de sujeira que nunca, desde que tomei consciência da minha maldade, permiti que se acumulasse em cima da sujeira que já carrego por minhas más ações. Já vi muitas pessoas – e já vi a mim mesmo mais vezes do que gostaria – recorrerem a esse expediente covarde e vergonhoso de procurar na infâmia uma explicação benigna para o infame, que nada mais é do que uma forma rasteira de exacerbar a crueldade para com suas vítimas. Às minhas aspiro apenas sobrecarregá-las com o dano que lhes faço: há muito desisti de lhes impor, aliás, a obrigação de arcar com as merdas que eu possa ter na cabeça para justificar-me com os que não as têm. Se alguém quer fazer o bem, não há outro caminho senão as ações gentis. Se o seu caráter ou seus passos o levam a agir perniciosamente, o que você faz é o mal e o que você deve fazer é viver a partir de agora com a consciência do que fez, do que você é capaz de fazer e do que deve evitar se não quiser que isso acabe tomando conta de todo o seu ser, sem deixar espaço para mais nada.

Por isso, e porque não me orgulho de ser uma má pessoa – não tenho a alma endurecida nem o cérebro amolecido a ponto de tal delírio –, resolvi distanciar-me de tudo o que fui e de tudo o que fiz em outros tempos e escolhi essa pacífica atividade comercial que só muito pontualmente, e de forma limitada, lança-me em conjunturas em que pode aflorar, e aflora, o demônio que sempre me acompanha. É por isso que aceitei uma existência modesta, sem chegar ao extremo de sofrer privações, graças ao exercício criterioso e não de todo incompetente de um ofício em que as emoções são escassas e de uma intensidade menor que aquela de que meu coração se recorda. Por isso sou apenas uma sombra do que fui e essa é hoje a melhor das minhas conquistas.

Também por isso que, somado ao peso inevitável da memória e das lealdades, sobretudo as forjadas no calor do fatídico e do incondicional, meu pulso, que mal se acelera, e meu pensamento, que raramente experimenta a ansiedade, foram abalados quando pus os olhos na mensagem que acabei de receber e dos olhos passaram à minha mente as letras que a compõem. Ali, instantaneamente, revelou-se, como quem de repente fecha uma cortina que oculta a visão de uma cidade em chamas, todo o significado que as palavras formadas por aquelas poucas letras não podem deixar de ter para mim.



A primeira coisa que pensei é que não quero que isso aconteça. Que não aguentei durante todo este tempo a culpa e o fracasso sem falhas em que me resignei a viver para que agora o desvio que os causou bata novamente à minha porta e me reclame como seu servo e sua miserável consequência. Aliás, investi todos os meus esforços na criação deste reduto onde posso resistir e escapar da parte de mim que não tenho a menor vontade de reencontrar.

A segunda coisa que pensei, enquanto sentia de repente aquele estranho tipo de serenidade que acompanha a catástrofe, é que não posso escapar da mensagem. Ela invoca meu nome, o verdadeiro, e quem a envia é aquele a quem menos posso recusar ajuda. Releio:

*Pua, sou eu. Não me resta muito tempo. Preciso de você.*

A terceira coisa que penso é sob que pretexto fecharei a loja.



# Planeta